

Caminhos de um silêncio

Maria José Angeli de Paula*

Sobre as utopias e as revoluções, as desilusões e as frustrações que as décadas de 60 e 70 produziram para a imensa profusão ficcional que as tematizam recorto dois textos, semelhantes em suas linhas de sugestões, para me servirem como uma (longa) epígrafe inicial. Versos de uma poesia que se quis coloquial e parágrafos de um romance-reportagem que se quis nostálgico. Dois textos que possibilitam a reflexão que pretendo desenvolver neste ensaio.

O primeiro deles relaciona-se com os seguintes versos de um poema pós-tropicalista de Torquato Neto, produzidos no início dos anos 70 e intitulado *Você me chama*. São eles:

"Você me chama
Eu quero ir pró cinema
Você reclama
e o meu amor não contenta
você me ama
mas de repente aquele trem já passou
faz tanto tempo
aquele tempo acabou."

Comentando esses versos o poeta Regis Bonvicino nos diz que Torquato Neto, ao perceber a situação de crise que atravessava a poesia brasileira na década de 70, procura realizar através da coloquialidade dos versos a invenção de uma nova poesia que seria, entretanto, "diferente da modernista, enfrentando o abismo existente entre o português escrito e falado".¹ Muito mais importante, acentua o crítico, é que o poema se revela como uma forma de consciência bastante peculiar à época, ou seja, os versos relatam ao mesmo tempo uma consciência ingênua ("quero ir pró cinema")

* USFC.

¹ BONVICINO, Régis. Tantas máscaras (Reconhecimento de uma nova poesia brasileira). In: ANDRADE, Ana Luiza; ANTELO, Raul; ALMEIDA, Tereza Virgínia de; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros (orgs.). *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Abralic, 1998, p. 121.

sobre os diferentes caminhos que essa mesma crítica vem percorrendo nos últimos anos.⁷

Os guaianãs é, ainda e infelizmente, uma obra pouco conhecida dos críticos, do mercado editorial e do público leitor. A publicação dos quatro romances obedeceu a seguinte ordem, durante um período de 15 anos: *Plataforma vazia* foi editado em 1962, *Capela dos homens* em 1968,⁸ *Mutirão para matar* em 1974 e *Cafaina* em 1975. Posteriormente, em 1986, os quatro romances serão reeditados conjuntamente pela Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, em dois tomos e com a denominação geral de *Os guaianãs*.

Ler essa tetralogia hoje é possuir em toda a sua extensão aquela sensação de época, apontada por Torquato, de que "aquele tempo acabou". E esse tempo que acabou, delimitado cronologicamente nos anos 60 e 70, se lidos em oposição as décadas de 80 e 90, se revelam tão distantes em algumas de suas realizações socio-políticas e culturais que cabe como uma luva a frase (re)feita pelo poeta: "faz tanto tempo". Por outro lado, a lição de Zuenir Ventura nos alerta para a dificuldade de se ler hoje em dia, depois das muitas mudanças ocorridas nos campos literário e cultural, econômico e social, romances tão próximos de sua época que com ela se confundem.

Se a produção poética e ficcional, como foi dito no início deste texto, já anunciava as várias mudanças de uma avassaladora transformação no decorrer do tempo, a crítica literária também estava atenta e moldava-se para os novos sintomas que ocorriam. O artigo de Flora Süssekind: "Rodapés, tratados e ensaios, a formação da crítica literária moderna",⁹ instaura um cuidadoso panorama sobre

⁷ O esquecimento e o silêncio que giram em torno da tetralogia de romances levanta questões semelhantes àquelas apontadas por Haroldo de Campos em *O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira. O caso Gregório de Matos*. É certo que o livro de Haroldo de Campos possui uma grande especificidade ao refletir sobre a questão das origens da literatura brasileira e de como o barroco e o escritor Gregório de Matos foram excluídos da *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. A tese de Candido considera o barroco, e por consequência Gregório de Matos, como uma manifestação e não uma escola literária. Haroldo de Campos acredita que o barroco seria parte essencial na formação da literatura brasileira. As possíveis semelhanças d'*Os guaianãs* com esse debate poderiam ser detectadas nas discussões mais gerais que o livro suscitou, principalmente na necessidade de uma constante reavaliação do cânone e da historiografia literária brasileira. Uma outra questão bastante pertinente diz respeito à discussão do valor dado à obra literária, sua função e as diferentes perspectivas históricas que compõem grande parte da instauração de uma história literária.

⁸ Vale lembrar que esse segundo volume da tetralogia recebeu vários prêmios na época de seu lançamento. Já em 1967, ele foi o primeiro classificado, entre mais de duas centenas de obras, no concurso literário *Walmap*. O júri era composto pelos escritores: João Guimarães Rosa, Jorge Amado e José Olinto.

⁹ SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 13-33.

a constituição da crítica, dos críticos e das instituições a que pertencem ou pertenceram. Abarcando desde os anos 40 e 50 (com a crítica de rodapé), refletindo sobre as mudanças nas décadas de 60 e 70 (a passagem do crítico-cronista ao crítico-scholar e os "anos universitários") até chegar a década de 80 (com a ascensão do mercado editorial e a crescente figura do crítico-jornalista em oposição ao crítico-teórico das universidades) a autora delimita alguns campos e algumas funções para a crítica literária brasileira contemporânea e os críticos. Podemos também lembrar, mais particularmente o final do artigo, e rever o novo perfil de crítico que a autora visualiza como emergente na década de 80, crítico denominado de ensaísta pois teoriza através do ensaio, uma forma textual que se revelaria como um método crítico possível para a reflexão crítica brasileira contemporânea. É sintomático, atualmente, perceber o porquê da autora visualizar um outro perfil de crítico para a década de 80 (lembremos que o artigo é fruto dos anos sessenta, mais precisamente 1978) e perceber também como tudo mudou muito rápido em uma década. O que Flora analisava, de uma maneira bastante pertinente diga-se de passagem, era um crítico que se debruçava sobre a Literatura. O que se busca atualmente, depois das muitas guerras teóricas dos anos 80, é um outro paradigma: um campo de atuação para o crítico que além de ser preenchido pela literatura o é também por outras práticas discursivas e culturais.

Um dos críticos citado no artigo de Flora Süssekind é Antonio Candido, incentivador dessa leitura plural conjugando diversas áreas de conhecimento. A importância e o lugar de crítico literário preenchido por Antonio Candido, segundo a autora, possuiria além do fator dele ser um iniciador, juntamente e dialeticamente com Afrânio Coutinho, "um interesse primordial pela historiografia literária e pelas relações entre literatura e sociedade".¹⁰ Essa relação é o ponto crucial de um dos artigos do mestre, o ensaio intitulado "A nova narrativa"¹¹ e que nos interessa para a discussão que pretendemos propor. Nele, Antonio Candido reflete sobre a mudança que os escritores pós-64 efetuaram com sua produção ficcional para com a tradição literária anterior. Entender o porquê dessa mudança é um dos objetivos do autor. Uma das explicações relaciona as condições históricas e políticas à literatura, relacio-

¹⁰ Idem, p. 22.

¹¹ CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

nando então o período referente a instalação e vigência do regime militar com uma produção essencialmente politizada.

Para Candido o timbre predominante nessa época refletiria os anos da amargura política, surgindo daí o que ele chama de "geração da repressão". A identidade desses anos estaria delimitada cronologicamente através de cortes com referentes históricos: a decretação do AI 5 em 1968 a anulação de sua vigência em 1979. Uma identidade indelevelmente marcada pelas conseqüências da militarização do Estado e refletida numa consciência do fazer literário do escritor, que escreve sobre uma situação marcada pela época.

Parece ter se tornado senso comum, inclusive, afirmar que os textos literários produzidos nas décadas de 60 e 70, no Brasil, fazem parte essencialmente de uma literatura da repressão. Dada a época que se vivia, no horizonte político o regime militar e o aprofundamento da integração no capitalismo, nunca se fez tão presente a fácil relação entre literatura como reflexo da sociedade e das tensões que alimentaram a época. O panorama cultural brasileiro desta época possui todo um processo específico que o diferencia dos anteriores por aproximar instâncias distintas e arbitrárias como a censura e a repressão juntamente com o início de uma indústria cultural gerenciada para e pelo mercado. Esta é uma das primeiras conclusões a que chegamos quando começamos a estudar os textos que buscam elaborar um discurso crítico sobre a literatura brasileira pós-64.¹²

Silviano Santiago defende tese bastante semelhante em seu artigo: "Poder e alegria. A literatura brasileira pós-64. Reflexões".¹³

¹² As referências bibliográficas que possuem relação com este tema são extensas e variadas. Grande parte dessa crítica literária foi pensada e feita por professores universitários durante as décadas de 60 e 70 e abarcam a produção artística e cultural da época problematizando as diversas matizes que iniciavam uma nova variedade de formas e linguagens. O artigo de Roberto Schwarz "Cultura e política: 1964-1969", presente em *O pai de família e outros estudos*, serviu como um marco para o início da reflexão, em especial, para o pensar sobre a instauração e a circulação das produções teóricas e culturais de esquerda. Heloisa Buarque de Hollanda enriqueceu a discussão ao abordar a ocorrência de diferentes produções culturais (como a poesia dos Cps e a poesia marginal) no livro *Impressões de viagem. Cpc, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. Esses teóricos são alguns dos muitos que observaram as principais ocorrências da época "no calor da hora".

¹³ SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria. A literatura brasileira pós-64. Reflexões. In: *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 11-23. Conferir também o seguinte artigo "Democratização no Brasil - 1979-1981 (Cultura versus Arte)" publicado em *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Abralic, 1998, p. 11-23. Neste segundo artigo o autor retoma a discussão sobre a cultura dos anos 60 e 70 e analisa seus desdobramentos.

Para o crítico carioca o melhor que a produção literária pós-64 fez foi

"colocar corretamente a questão do poder", não havendo nem "atraso" artístico, nem alienação política [...] havendo, sim, a compreensão profunda de que a tão reclamada modernização e industrialização do Brasil estava sendo feita, mas à custa de tiros de metralhadoras e de golpes de cassete, espancamentos e mortes, numa escalada de violência militar e policial sem precedentes na história do país".¹⁴

O texto de Flora Süssekind *Literatura e vida literária*,¹⁵ segue a trilha Silvano Santiago ao arrolar várias obras da época que possuíram como característica principal o questionamento das condições políticas e sociais que vigoravam no período, além de problematizar a questão da violência. A autora delimita na enorme diversidade e na grande produção de textos uma linha que seguiria essa tendência e procurar explicitar e compreender as melhores realizações que as décadas produziram. Para Flora Süssekind, a *prosa de ficção* pós-64 que possui uma das realizações mais privilegiadas de expressão, das relações entre a literatura e a política, dividiu-se basicamente em três filões: a literatura-verdade, a parábola e o depoimento biográfico. A autora enfatiza, entretanto, a necessidade de reavaliação desses textos buscando principalmente perceber como eles "incorporam a tensão política à sua própria linguagem, ao invés de apenas descrevê-la de modo mágico ou naturalista".¹⁶

Os estudos de Antonio Candido, Silvano Santiago e de Flora Süssekind abordam a literatura brasileira pós-64 através da instauração de uma visão panorâmica da mesma. Apesar de salientarem que sabem do risco que correm (a incapacidade de pronunciar julgamentos definitivos sobre um processo em desenvolvimento, a provisoriedade de conclusões que podem ser revistas com o decorrer da história), os autores buscam resgatar linhas gerais que generalizariam a dinâmica do fazer literário particular.

Os quatro romances d'*Os guaianês* pouco se diferenciam da maioria dos outros textos produzidos nesta época. Os romances poderiam ser classificados como pertencentes à literatura de repressão, segundo a denominação ditada por Antonio Candido, uma vez que tematizam as principais ocorrências da época, algu-

¹⁴ Idem, p. 17.

¹⁵ SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polémicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

¹⁶ Idem, p. 27.

mas mesmo visionariamente. Seguindo as reflexões de Silviano Santiago, poderíamos ler *Os guaianãs* através do constante questionamento ao poder que eles expõem e explicitam. Questiona-se neles as complicadas teias políticas que as elites brasileiras arquitetam (*faz tanto tempo*) e aos romances não caberia a caracterização de alienados, uma vez que eles são politicamente engajados. Em termos da técnica e da linguagem utilizada os romances sustentam todo o tempo um intrincado e moderno processo de alteração, tanto na diversidade dos narradores, na marcação do tempo, na utilização dos diferentes níveis de linguagem de acordo com o universo específico dos diferentes narradores. Assim, como apontava Flora Süssekind, os textos incorporam a tensão política à sua própria linguagem, ao invés de apenas descrevê-la de modo mágico ou naturalista. Finalmente, os romances buscam ultrapassar a representação de uma realidade momentânea, no caso as experiências de guerrilha dos anos pós-64, para elaborar um texto que expõe todo um complexo processo histórico que vai do início do século até as vésperas do golpe militar de 1964 (*aquele tempo acabou*). Por que então, preenchendo todas essas características o romance não "vingou"?, ou nas palavras do próprio autor "ainda não chegou a nossa hora e nossa vez".¹⁷

O não reconhecimento pela crítica e a quase ausência de referências nas revistas culturais, assim como a pouca divulgação no mercado editorial e frente ao público, revelam um processo de transformações na literatura, e na crítica literária, que requer uma abordagem um pouco mais matizada. A investigação efetuada no Nelic¹⁸ apontou somente uma referência – a seguinte frase retratada nos informes da revista *Escrita*: "Benito Barreto (*Plataforma vazia*) está lançando o último romance da tetralogia *Os guaianãs: Ca-faia*".¹⁹

Vale lembrar aqui as discussões desenvolvidas pela responsável desta revista no núcleo, a pesquisadora Nilcéia Valdati. Para ela, *Escrita* possui objetivos bem definidos na sua trajetória descon-

tínua, sendo que uma de suas principais características residiria no fato da revista desejar "se estabelecer como um meio capaz de abrigar várias e variadas produções artísticas contemporâneas, usando, nas entrelinhas, um discurso pedagógico para chegar até as massas".²⁰ A ausência de qualquer referência da obra em outras revistas que compõem o acervo do núcleo reforça o lugar de exclusão que os romances ocupa(ram) assim como demarca a escolha de *Escrita*: *Os guaianãs* recebe a atenção por se tratar de uma "literatura pedagógica", sendo necessário divulgar tal acontecimento para os leitores da revista.

O interesse que *Os guaianãs* representou aos críticos que o valorizaram não compactua entretanto, com a perspectiva de *Escrita*. Os seguintes livros: *Nova narrativa épica no Brasil: uma interpretação de Grande sertão: veredas, O coronel e o lobisomem, Sargento Getúlio e Os guaianãs*,²¹ de José Hildebrando Dacanal, e *Caminhos do romance brasileiro. De A moreninha a Os guaianãs*,²² de João Hernesto Weber, lêem a tetralogia através da recuperação simbólica que a obra faz da cultura, da história e da política brasileira do século vinte. Além desses livros, a obra é citada em alguns artigos jornalísticos da época de sua reedição, artigos que discutem especificamente a relação entre a literatura, a história e a sociedade brasileira.²³ Bastante compreensível, hoje em dia, que os artigos de Dacanal e de Weber leiam *Os guaianãs* dentro de uma perspectiva que buscava compreender a literatura "nacional" e as possíveis relações entre essa literatura e a sociedade brasileira. É interessante também notar que ambos os autores apontam os romances como os últimos de um ciclo; para Dacanal *Os guaianãs* encerrariam o ciclo da nova narrativa épica brasileira e para Weber eles conseguiram transformar em ficção o final de um processo histórico que o Golpe Militar

¹⁷ Esta afirmação está contida em uma entrevista de Benito Barreto para José Hildebrando Dacanal em um folheto explicativo referente à publicação da tetralogia dos romances pela Editora Mercado Aberto.

¹⁸ Trata-se do Núcleo de Estudos Literários e Culturais da UFSC, sob a coordenação da Prof.ª Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo. Os objetivos do projeto buscam o mapeamento e a análise de periódicos literários e culturais brasileiros que circularam a partir dos anos 60. A abrangência do corpus analisado pode ser detectada pelos números que o núcleo apresenta: mais de 30 revistas e jornais já catalogados. Conferir com os Boletins de Pesquisa lançados pelo Núcleo: n.º 2 – *Periodismo contemporâneo em perspectiva* (1997) e o n.º 3 – *Leituras do periodismo cultural* (1998), ambos editados pelo Nelic, UFSC, Florianópolis.

¹⁹ Presente na seguinte edição: *Revista Escrita*, ano 1, n. 5, 1976, p. 29.

²⁰ VALDATI, Nilcéia. *Escrita: trajetória descontínua*. In: *Leituras do Periodismo Cultural*, Boletim de pesquisa, n. 3, Projeto Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos, Florianópolis: UFSC, 1998, p. 26-29.

²¹ DACANAL, José Hildebrando. *Nova narrativa épica no Brasil: uma interpretação de Grande sertão: veredas, O coronel e o lobisomem, Sargento Getúlio e Os guaianãs*, 2. edição revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 101-107.

²² WEBER, João Hernesto. *Caminhos do romance brasileiro. De A moreninha a Os guaianãs*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

²³ Além dos livros de Dacanal e de Weber, tive acesso somente a um folheto explicativo referente à publicação da tetralogia dos romances pela Editora Mercado Aberto. Esse contém uma entrevista de Benito Barreto ao organizador do folheto, José Hildebrando Dacanal; assim como a cópia do artigo "A saga dos guaianãs pelo país das Gerais" de Antonio Hohlfeldt além de pequenos comentários de outros escritores sobre os livros.

de 1964 e o posterior regime ditatorial efetuarão na realidade, ou seja, a implantação do capitalismo por todo o país.²⁴

Vários são os caminhos que levaram os romances ao esquecimento. Um deles está relacionado com as várias modificações pelas quais vêm passando a produção teórica e crítica dos últimos trinta anos na literatura brasileira. É bastante visível notar a mudança dos paradigmas, dos objetos de estudo, da carga de valoração à obra literária. Alguns ensaios presentes na Revista da Abralic número 4 problematizam exatamente essa questão, principalmente os dois primeiros artigos da revista. "Projeções de um debate" de Wander Mello Miranda e "A teoria em crise" de Eneida Maria de Souza.²⁵

O primeiro deles reflete sobre a inquietação que os estudos culturais vêm causando no ambiente acadêmico e explicita algumas das manifestações que buscaram o debate e o questionamento desta situação. Aparecem então referências aos congressos da Abralic e da Anpoll, e também é citada a polêmica criada por Leyla Perrone-Moisés clamando pela perda de espaço dos estudos especificamente literários. Como contraponto a esta perspectiva Wander Mello Miranda recorre aos estudos e a literatura de Silviano Santiago, especificamente ao artigo "Democratização no Brasil - 1979-1981 (Cultura versus Arte)" presente em *Declínio da arte/ascensão da cultura* e a ficção *Em liberdade*, para buscar delimitar prováveis respostas à questão. A conclusão, que para o autor parece ser central em algumas de suas indagações, é a seguinte:

"A aferição da validade político-cultural de uma obra literária brasileira - se, no caso, é ainda de todo cabível o gentilício - não depende mais do seu maior ou menor grau de nacionalismo, nem do pagamento de um possível débito contraído com os centros hegemônicos internos e externos. Vale dizer: a diferença que margeia o texto literário e o constitui como tal não se define por uma originalidade intransferível, mas é antes a marca da retomada intermitente de uma cultura por outra. Trata-se, de certa forma, de pensar o texto 'fora' da literatura, realizando uma operação desconstrutora que, para chegar ao seu fim, deve abandonar a especificidade literária imposta de antemão ao objeto por uma comunidade interpretativa dada ou sua reificação por determinados regimes centralizadores de leitura. A dinâmica desse processo supõe que a crítica abandone de vez sua postura ratificadora de padrões universalistas de avaliação e

²⁴ Conferir com os textos já citados. A avaliação dos críticos leva em conta a constituição de uma formação da literatura brasileira e como os textos possuem relações com uma tradição literária já formada e com a história do país.

²⁵ *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Florianópolis, Abralic, n. 4, 1998.

equacione teoricamente suas próprias condições de possibilidade frente às singularidades históricas."²⁶

Como Wander Mello Miranda afirma se faz necessário então construir nossas próprias condições de pensamento e de reflexão. Creio ser este o caminho mais propício para a leitura d'*Os guaianãs*. Os textos que já dirigiram seu olhar para os romances buscavam essa reflexão relacionando os romances à história brasileira, ampliando as muitas possibilidades da ficção como um elemento constitutivo na construção da nação e da(s) sua(s) identidade(s) culturais.

Outras respostas para a compreensão do silêncio que reina sobre os romances se tornarão ainda mais transparentes na medida em que vislumbrarmos melhor o período histórico que eles tematizam. O debate acadêmico contemporâneo está balizado pelo fim das certezas e pela renovação do diálogo estabelecido pelos discursos que constroem e dão sentido ao mundo. Os anos 60 e 70 são em *Os guaianãs* o pano de fundo da série de ações dos personagens, mas o são dentro de uma perspectiva, a de um autor que reconstrói simbólica e literariamente estes anos. Transformar um complexo processo histórico de extrema importância em uma obra literária de refinado valor estético²⁷ é uma das mais válidas contribuições de Benito Barreto. Como um novo ato de resistência, sem saudosismo, mas evocando aquele tempo que já acabou saudado por Torquato Neto e Zuenir Ventura, cabe a nós leitores, a releitura desses cinzentos anos rebeldes, colocando *Os guaianãs* senão como um exemplo, ao menos como uma lição.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Ana Luiza; ANTELO, Raul; ALMEIDA, Tereza Virginia de; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros (orgs.). *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Abralic, 1998.

BARRETO, Benito. *Os guaianãs* (tetralogia). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, 2 v.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Impressões de viagem. Cpc, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

²⁶ MIRANDA, Wander Mello. Projeções de um debate. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Florianópolis: Abralic, n. 4, 1998, p. 11-17.

²⁷ Vale lembrar aqui as observações de José Hildebrando Dacanal sobre como o autor faz uma utilização estilística da linguagem, podendo ser colocado ao lado de escritores como Eça de Queiroz, Machado de Assis, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa (Conferir op. cit., nota 16).

- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira. O caso Gregório de Matos*. Salvador: FCJA, 1989.
- DACANAL, José Hildebrando. *Nova narrativa épica no Brasil: uma interpretação de Grande sertão: veredas, O coronel e o lobisomem, Sargento Getúlio e Os guaianãs*. 2. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, s.d.
- SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria. A literatura brasileira pós-64. Reflexões. In: *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DEMOCRATIZAÇÃO no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte). In: *Declínio da arte/ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas e Abralic, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. Cultura e política: 1964-1969. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SÜSSEKIND, Fora. *Literatura e vida literária: polêmica, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- . *Papéis colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- WEBER, João Hernesto. *Caminhos do romance brasileiro. De A moreninha a Os guaianãs*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- VALDATI, Nilcéia. *Leituras do periodismo cultural*. Boletim de pesquisa, n. 3, Projeto Poéticas Contemporâneas: Histórias e Caminhos, Florianópolis: UFSC: 1998.
- VENTURA, Zuenir. *1968, o ano que não acabou. A aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.